



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

A Dona da Festa Toda: artes e astucias de ser drag queen em Recife-PE.

Autoria: Ana Valéria Salza de Vasconcelos (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

No horizonte das etnografias urbanas a presente investigação se volta para a cultura drag no centro da cidade do Recife/Pernambuco visando a dar um panorama de como essa cultura se constrói com homens jovens gays que fazem drag na cidade. A pesquisa aconteceu em sua maior parte de work de campo no Santo Bar, boate frequentada majoritariamente por pessoas gays e transexuais que fica localizada no bairro da Boa Vista, onde nas quintas-feiras a noite acontecia o Cinemona e em seguida a festa Jungle. A primeira é a exibição do episódio da temporada 2016 do programa de televisão norte americano Rupaul's Drag Race e a segunda uma festa organizada e promovida por um grupo de drag queens da cidade. Nesses termos, o presente work se caracteriza como uma etnografia que busca investir nas implicações entre territórios corporais e urbanos produzidos por drag queens no centro da cidade do Recife, buscando entrever a partir das estratégias e técnicas de montar como se produzem ideias sobre corpos, gêneros, pessoas e lugares no



circuito de lazer e espaços de divertimento dos quais essas pessoas fazem parte. A noção de performance ocupa uma posição central nas descrições, não apenas por ser a forma êmica pela qual as interlocutoras e interlocutores nomeiam a expressão artística e o work que exercem, mas também pelos rendimentos analíticos que tem na descrição dos modos de vida e sentidos por elas produzidos através da noite recifense.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: